



Dois Dedos de **PROSA**

Nº 80 - Recife/PE - Julho/2015

Foto: Maria Eduarda Barbosa



Em dez anos,
cresceu 155% uso
de agrotóxicos
no Brasil.
Página 2

Centro Sabiá passa
por processo
de avaliação externa
ao se aproximar
dos seus 22 anos.
Página 3

Dossiê Abrasco
mostra danos
causados pelos
agrotóxicos
no país.
Páginas 4 e 5

Sistemas
agroflorestais
são solução
para recuperação
do solo
Página 6

Asa desenvolve
programa de
sementes crioulas
em 90 comunidades
do Estado
Página 7

Visite nossa página na internet: www.centrosabia.org.br

A Agroecologia e o combate aos agrotóxicos

O IBGE divulgou recentemente que o uso de agrotóxicos na agricultura do Brasil saltou de 2,7 quilos por hectare em 2002 para 6,9 quilos por hectare em 2012, de acordo com dados que constam na pesquisa Indicadores de Desenvolvimento Sustentável. Isso representa um crescimento de 155% em 10 anos.

Estudos já mostram que nossa população está sofrendo impactos irreversíveis. Sofrem os agricultores e agricultoras expostos aos compostos químicos e também os cidadãos que compram os vegetais e produtos derivados muitas vezes sem imaginar que estão consumindo veneno. O quadro negativo também se reflete no conservador Congresso Nacional, que dificilmente aprovará melhorias na legislação nesta área.

O Programa Nacional de Redução de Agrotóxicos (Pronara) é uma das iniciativas para combater o avanço do agronegócio - com os agrotóxicos e transgênicos. Aliado à atuação política, para tirá-lo do papel, a hora pede que concentremos forças no esclarecimento da população sobre os efeitos reais, as consequências e a realidade de que os agrotóxicos matam. ■

Monitoramento de Projeto na Zona da Mata

O objetivo foi de identificar os desafios para a agroecologia no Brasil

Por Laudence Oliveira



Foto: Laudence Oliveira

Conhecendo a produção de polpa de frutas de Cristina, no Assentamento Conceição, em Sirinhaém

No início do mês de maio agricultores, agricultoras e o Centro Sabiá receberam a visita da gestora do Projeto Trabalho, Renda e Sustentabilidade no Campo, Marcely Macedo, na Zona da Mata de Pernambuco. O Projeto é uma iniciativa do Sabiá com o patrocínio da Petrobras. Seu objetivo é melhorar

as condições de trabalho e renda de jovens, mulheres e suas famílias, que trabalham com a produção agroecológica na Mata Sul do estado.

Marcey veio monitorar o trabalho realizado pelas famílias envolvidas na iniciativa e que são assessoradas pelo Sabiá. Ela visitou as duas unidades de beneficiamento de frutas para produção de polpas: uma no município de Rio Formoso e a outra em Sirinhaém, além do entreposto de mel.

A gestora também conversou com as famílias agricultoras participantes do projeto. A agricultora Bete, do assentamento Jundiá de Cima, município de Tamandaré, falou das capacitações das quais participa. "Esse estudo de viabilidade econômica é muito bom. Eu já fazia alguns planejamentos, mas agora eu vivo 100% da minha propriedade. Eu vou para as visitas, os intercâmbios, a gente recebe acompanhamento. Pra mim, tá sendo muito bom", afirma.

Em Sirinhaém, as famílias já fornecem seus produtos para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). "Este ano 13 famílias vão fornecer 14 mil quilos de produtos. São polpas de frutas, inhame, banana e hortaliças", informa a agricultora Cristina Freitas. Saiba mais: <http://centrosabia.org.br/trabalhoerenda/> ■

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Rua do Sossego, 355, Santo Amaro Recife/PE – CEP: 50050-080 Fone/Fax (81) 3223.7026/3323 | sabia@centrosabia.org.br | www.centrosabia.org.br | DIRETORIA - **Presidente:** Lenir Ferreira Gomes. **Vice-presidente:** Joelma Pereira. Secretária: Joana Santos. **Conselho Fiscal:** Alaíde Martins e Tone Cristiano. **COORDENAÇÃO – Coordenador Geral:** Alexandre Henrique Bezerra Pires. **Coordenadora Técnico Pedagógica:** Maria Cristina Aureliano. **Coordenadora Administrativo-Financeira:** Verônica Batista. **EQUIPE DE TRABALHO:** Ana Lúcia, Aniérica Almeida, Antônio Júnior, Arley Silva, Caio Menezes, Carlos Alberto, Cecília Tayse, Darlton Silva, Davi Fantuzzi, Dilene Nicolau, Edilene Barbosa, Edgar Caliente, Edineide Oliveira, Eliane Andrade, Elivânia Leal, Ewerton França, Gleidson Amaral, Hanna Lopes, Henrique Luiz, Hesteólvina Shyriley, Iran Severino, Ivanildo Carneiro (estagiário), Jacinta Gomes, Jackson Helder, Janaina Ferraz, João Alberto, Josineide Oliveira, Julianna Peixoto, Júlio Cesar, Júlio Valério, Jullyana Lucena, Leonardo Moura, Loide Maria, Magno Almeida, Miriam Lima, Marconiedson Silva, Natália Porfírio, Nicléia Nogueira, Pedro Oliveira, Raimundo Daldemberg, Ricardo Góis, Rigoberto Arantes, Rodrigo Adrião, Ronaldy Dantas, Rosana Paula, Sandra Rejane, Valéria Felix, Vânia Luiza, Vilma Machado e Wellington Gouveia. **Projetos Especiais:** Élen Tahís, Elielson Carlos, Germana Vila e Lindoval Alves. **COORDENAÇÕES LOCAIS: Agreste:** Carlos Magno de Medeiros. **Zona da Mata:** Ana Santos da Cruz. **Sertão:** Rivaneide Almeida. **GERÊNCIA ADMINISTRATIVO-FINANCEIRA:** Demetrius Falcão e Pedro Eugênio. **NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO:** Laudence Oliveira (DRT/PE-2654), Sara Brito, Débora Britto e Eduardo Amorim (DRT/PE-3041). **O Trabalho do Centro Sabiá também recebe apoio das seguintes organizações:** ActionAid, Habitat, Misereor/KZE, terre des hommes schweiz, Fundo Nacional sobre Mudanças no Clima (FNMC), Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio), Programa das Nações Unidas (PNUD), Petrobras, ministérios do Meio Ambiente, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e do Desenvolvimento Agrário, Agência Pernambucana de Águas e Clima (APAC), Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária/Secretaria Executiva de Agricultura Familiar-PE, Fundação Banco do Brasil (FBB). **PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:** Estúdio 8. **IMPRESSÃO:** Gráfica Provisual. **TIRAGEM:** 5.000 (cinco mil) exemplares



Equipe do Centro Sabiá reunida em processo de Planejamento, Monitoramento e Avaliação (PMA)

Tempo de avaliar e refletir

O Centro Sabiá realiza avaliação externa para processo de reflexão sobre os 22 anos de trabalho

Por Sara Brito

Há 22 anos o Centro Sabiá iniciava a sua ação, assessorando famílias na Zona da Mata, Agreste e Sertão de Pernambuco. Hoje cerca de 3.300 famílias são assessoradas em 63 municípios, distribuídos pelas três regiões do Nordeste. A atuação e as ações do Centro Sabiá cresceram, e com isso veio a necessidade de reflexão do seu trabalho, para que o crescimento seja completo. Além dos processos de Planejamento, Monitoramento e Avaliação (PMA), permanentes em sua caminhada, este ano o Sabiá realiza uma avaliação externa, dez anos depois da última realizada.

“De lá pra cá um monte de coisa aconteceu dentro da instituição. A gente teve um aumento de pessoas, tivemos uma mudança grande do ponto de vista dos financiamentos, hoje acessamos mais recursos públicos do que da cooperação internacional. Também mudou do ponto de vista da ação do Centro Sabiá, agora em escala muito maior. Temos que fazer uma avaliação profunda do nosso trabalho, para pensarmos o que vamos construir para o futuro”, diz Maria Cristina Aureliano, coordenadora pedagógica do Centro Sabiá.

A avaliação também servirá de base para a construção do Planejamento Estratégico Institucional (PEI) da organização para o próximo triênio, que tem início em 2016. “É a necessidade de olhar para dentro e ter a ajuda de outros olhares que não vivenciam o nosso cotidiano, para nos ajudar a enxergar ou a desnudar algumas coisas que às vezes não olhamos direito”, afirma Maria.

A avaliação, realizada pelos consultores Domingos Armani e Sílvio Porto, teve início no mês de março e envolve entrevistas com agricultores e agricultoras, jovens, mulheres, parceiros, ONGs, entidades e pesquisadores acadêmicos sobre a percepção que eles têm da trajetória do Sabiá e quais questões eles e elas percebem como relevantes no processo avaliativo. Além disso, a avaliação passou por todos os territórios de atuação, fazendo grupos focais, observando o trabalho em algumas propriedades rurais, reuniões, e entrevistas com a equipe técnica, agricultores/as e reuniões internas. A partir do trabalho de campo e da análise documental, será estruturado o relatório preliminar.

“É uma avaliação do trabalho, então vamos chegar a conclusões sobre quanto o Sabiá foi efetivo em produzir os resultados e os objetivos que ele se estabeleceu no trabalho de campo, fazendo um balanço do impacto do trabalho. Mas também a avaliação quer, além disso, olhar para dentro da instituição e ver como está a situação da organização Sabiá, seu desenvolvimento institucional, como é que o Sabiá planeja, monitora e avalia o seu trabalho, com que mecanismos, como é que o Sabiá desenvolve sua política de comunicação”, explica Domingos Armani, um dos avaliadores.

Para Domingos, com um aumento na intensidade do trabalho o tempo para reflexão, que não é o mesmo tempo do fazer, fica reduzido. A avaliação se torna importante para organizar o processo reflexivo. “Isso abre um espaço reflexivo na organização. Acho que o Sabiá foi muito feliz no jeito de organizar e de propor o processo. Tanto é que nós avaliadores estamos vivendo muito num processo de catalisadores de um processo de reflexão, que o Sabiá já tem e a gente vai na verdade intensificar durante esses meses da avaliação”, conclui Domingos. ■

Agrotóxicos: para torná-los visíveis

O Dossiê Abrasco “Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na Saúde” traz informações importantes sobre os efeitos dos agrotóxicos na saúde das pessoas

Por Eduardo Amorim

É inegável que os malefícios causados pelos agrotóxicos (e transgênicos) estão cada vez mais evidenciados pela ciência e profissionais da saúde coletiva. Um passo importante que aconteceu em 2015 foi a publicação do Dossiê da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco): “Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na Saúde”. O documento reúne estudos sobre diversos casos brasileiros e serve como contraponto ao discurso dos empresários ligados ao agronegócio, que é reproduzido pela mídia e até na academia, de que não existem dados científicos de comprovação dos malefícios dos agrotóxicos à saúde.

Segundo o Dossiê, mais de 90% das amostras pesquisadas de pimentão, por exemplo, estavam contaminadas por agrotóxicos. Mas a sugestão de quem acompanha esses estudos não é evitar esse produto, afinal as condições em cada safra ou região é que definem a quantidade de “defensivos agrícolas” que serão utilizados para matar as pragas. Então, um ano o “vilão” pode ser o alface, e no ano seguinte o morango, mas na verdade o que está errado é o modelo de produção e devemos evitar esse tipo de generalização e procurar no mercado os produtos agroecológicos.

Ainda existe uma carência muito grande em relação à pesquisa sobre contaminação pelos agrotóxicos. Até porque surgem novas substâncias tóxicas a cada safra e, além disso, seria necessário pesquisar os efeitos da



Campanha tenta alertar agricultores/as e consumidores sobre riscos de contaminação

combinação desses diversos elementos no corpo humano. O documento deixa claro que existem muitas lacunas na avaliação dos efeitos da exposição combinada de agrotóxicos. No entanto, no mundo real as populações geralmente estão expostas a uma mistura de tóxicos.

Em Pernambuco, o Fórum Pernambucano de Combate aos Efeitos dos Agrotóxicos e a Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos

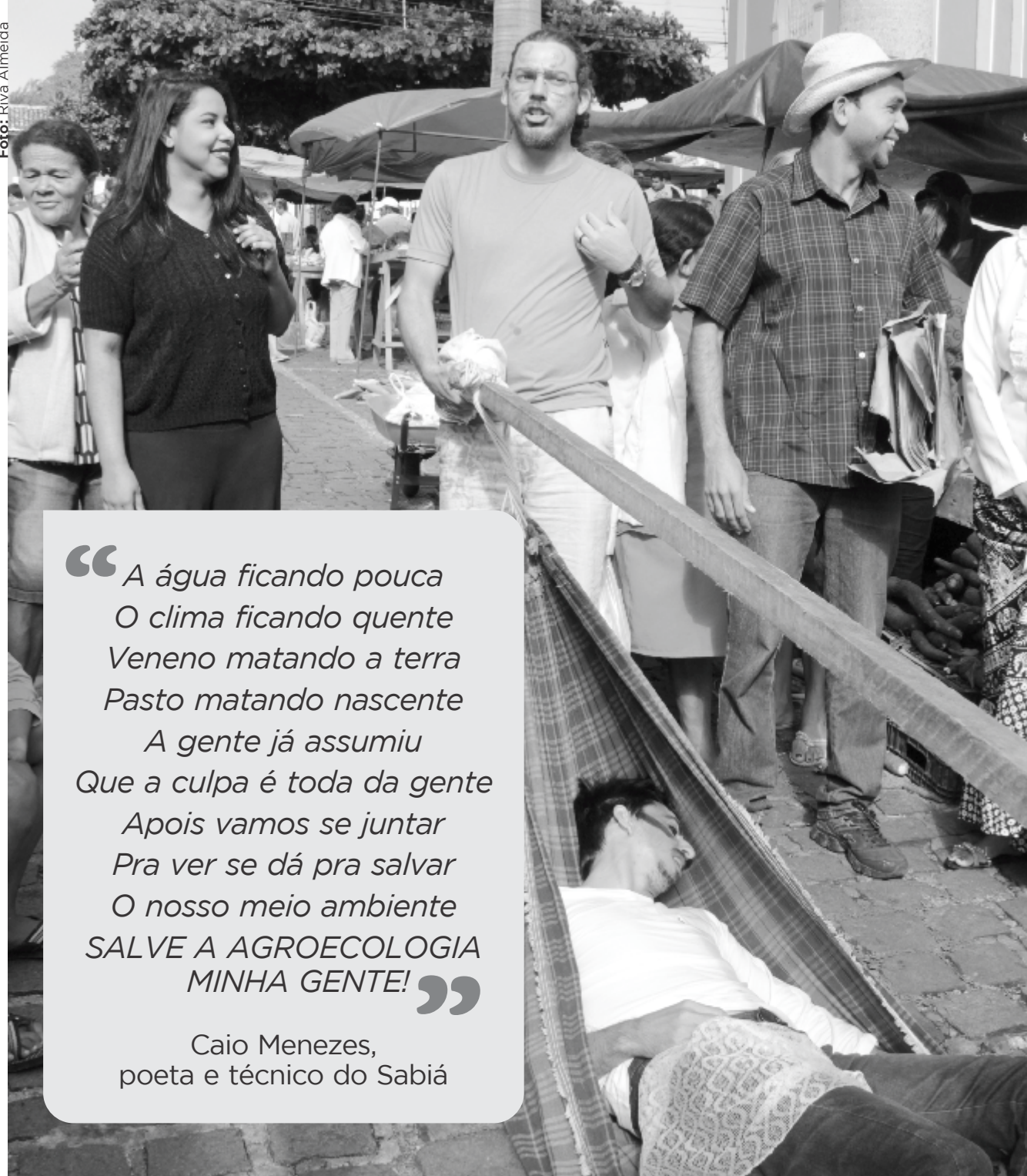
e Pela Vida têm, de maneiras diferentes, levantado essa discussão publicamente. No início de junho, atividades foram realizadas em Petrolina e no Recife para discutir os dados e sensibilizar os dois lados do problema: consumidores/as que precisam ser informados sobre os produtos que vão adquirir e agricultores/as que estão sendo submetidos ao contato direto com o veneno, especialmente nas grandes propriedades dedicadas à monocultura.

Flávio Duarte, que participa do Fórum Pernambucano de Combate aos Efeitos dos Agrotóxicos, destaca a iniciativa de “ir para os locais (como o Vale do São Francisco) onde são maiores os pontos críticos de vulnerabilidade”. Para ele, a ideia é passar a dar um enfoque mais municipal, sempre com a presença dos Ministérios Públicos Estadual e do Trabalho para reforçar o combate aos agrotóxicos. “O grande problema é que os malefícios à saúde são silenciosos. Mas se quero comprar um antibiótico para mim eu preciso consultar um médico e obter a receita, já para um produtor rural obter agrotóxicos não precisa de nada”, diz ele, denunciando a falta de fiscalização na venda do veneno.

Professora da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), Cheila Bedor, integra o recém criado Fórum Regional de Combate aos Agrotóxicos, que unifica as demandas de cidades baianas e pernambucanas do Vale do São Francisco. A pesquisadora ressalta que tem desenvolvido estudos sobre a incidência de câncer nos trabalhadores e trabalhadoras rurais da região, que devem ser publicados ainda em 2015.

Em seu artigo, *Vulnerabilidades e situações de riscos relacionados ao uso de agrotóxicos na fruticultura irrigada*, publicado pela Revista Brasileira de Epidemiologia, ela afirma que “Foi observado uso indiscriminado de agrotóxicos em condições inseguras de trabalho que comprometem a saúde dos expostos. 7% da população estudada referiram ter sofrido pelo menos um caso de intoxicação no decorrer da vida”. No entanto, mesmo quando realizado o diagnóstico de intoxicação pelos agrotóxicos, os trabalhadores e trabalhadoras são mantidos na atividade, sem receber da previdência social o reconhecimento de portador de doença profissional, apesar dos efeitos da exposição poderem se tornar danos irreparáveis.

O Fórum Regional de Combate aos Agrotóxicos do Vale do São Francisco vem se somar aos grupos que combatem a falta de uma política efetiva de combate aos agrotóxicos nessa importante região produtora de frutas do país. A saúde e o ambiente ainda estão longe de uma atenção adequada quando tratamos das práticas do agronegócio, mas em Pernambuco o caminho é se organizar e a caminhada é necessária.



“*A água ficando pouca
O clima ficando quente
Veneno matando a terra
Pasto matando nascente
A gente já assumiu
Que a culpa é toda da gente
Apois vamos se juntar
Pra ver se dá pra salvar
O nosso meio ambiente
SALVE A AGROECOLOGIA
MINHA GENTE!*”

Caio Menezes,
poeta e técnico do Sabiá

Equipe do Centro Sabiá no Sertão encena peça que tem como o tema os agrotóxicos na feira de Triunfo

A arte no combate aos agrotóxicos

No início de junho, durante a Semana Mundial do Meio Ambiente, a equipe do Centro Sabiá no Sertão encenou "O Funeral de João de Rita" na feira do município de Triunfo. A narrativa trata da desventura de um cidadão que morreu após ingerir agrotóxicos. O poeta e técnico do Centro Sabiá Caio Menezes tem

refletido em versos questionamentos sobre o meio ambiente e a ameaça dos agrotóxicos. “A gente se reuniu para pensar a Semana de Meio Ambiente e foi saindo um texto breve, quase no sentido de um flashmob, assim parece que o tema chega mais fácil na compreensão da galera”, explica ele. ■

**Leia o Dossiê Abrasco
na internet no endereço**

www.abrasco.org.br/dossieagrotoxicos

SAFs trabalham na recuperação de solos

No Ano Internacional dos Solos o Centro Sabiá realizou análise que mostra a importância da saúde dos solos para a produção de alimentos

Por Débora Britto



Foto: Vládia Lima (Acervo Centro Sabiá)

Terras de vida, projeto do Sabiá, trabalha com SAFs e recebeu prêmio Dryland Champions, da Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação (UNCCD)

A Assembleia Geral das Nações Unidas, elegeu, em 2013, o dia 5 de dezembro como Dia Mundial do Solo e 2015 como o Ano Internacional dos Solos. Ainda em 2013, o estudo “A Economia da desertificação, da degradação e da seca”, realizado pela ONU (Organização das Nações Unidas), apontava que alguns países chegariam a perder 2% de solo fértil ao ano. Estudiosos lembram que o solo, assim como a água, é um bem não renovável. Para se ter uma ideia, cada 01 cm de solo leva no mínimo 300 anos para ser formado.

Apesar do cenário de alerta, já existem formas de combater a desertificação, proteger os solos e recuperar ecossistemas. Um exemplo são os Sistemas Agroflorestais (SAFs) que tem como fundamento o plantio diversificado de espécies, que associadas permitem a proteção e recuperação do solo, das águas e a produção de alimentos sem necessidade de adubos químicos e agrotóxicos.

No município de Cumaru, no Agreste pernambucano, a agricultora familiar Joelma

Pereira pode mostrar como um SAF transforma a realidade de produção de um solo do Semiárido. Joelma começou a fazer seu SAF em 2005 no Sítio Pedra Branca, onde vive, e não parou mais. No entanto, ela alerta para como a recuperação do solo é um processo delicado e lento. “Recuperar, trabalhar, tentar melhorar a terra onde você está é um processo bem lento. Hoje o solo está mais fofo, mais fértil, mais produtivo. A gente percebe que tudo o que a gente planta hoje tem resultado. A gente costuma dizer que é uma terra onde tudo que se planta, se colhe”.

A saúde dos solos e a produção de alimentos

Na Zona da Mata Sul de Pernambuco, um experimento simples realizado pela equipe do Centro Sabiá mostra como os SAFs beneficiam a saúde dos solos. Nas oito amostras coletadas em propriedades agroecológicas foi constatada a presença de matéria orgânica em quantidade (elementos fundamentais para produção de alimentos); de minerais bem distribuídos e harmonizados com toda a estrutura do solo; e de proteínas em níveis suficientes para garantir a

produção. Já a análise de duas amostras de solos onde se pratica o monocultivo de cana de açúcar revelou, por outro lado, quase zero de matéria orgânica. A análise foi feita a partir da cromatografia, técnica que avalia a saúde do solo.

Sobre o que nos diz a saúde do solo e o modelo de agricultura praticado, Wellington Gouveia, técnico do Centro Sabiá, destaca como principal resultado a confirmação da capacidade

do solo em se recuperar quando manejado de forma adequada, principalmente quando não se usa adubos químicos e/ou agrotóxicos. “Primeiro, vemos que não dá pra produzir alimentos sem levar em consideração a saúde do solo. Pois é através dele que o alimento se forma e chega a nossa mesa. Segundo, a diversidade está aliada a um solo em completa harmonia, onde a matéria orgânica, as proteínas e minerais circulam por toda a sua estrutura”, finaliza.

Sementes da mobilização no campo

Programa tem no compartilhamento e na solidariedade ideal de prática da agricultura agroecológica

Por Sandra Pereira

Foto: Debora Brito/Centro Sabiá



Distribuição Agricultores e agricultoras distribuíram sementes crioulas durante o Grito da Terra 2015

Há muitos anos atrás os seres humanos viviam da coleta das sementes, frutos e da caça, mas algo chamou a atenção ao perceberem que quando se lançava no solo as sementes elas germinavam dando origem a uma nova planta. E assim as sementes ganharam um olhar e um cuidado especial. É a partir daí que surge o cuidado com a diversidade de sementes, que são encontradas até os dias atuais.

A monocultura vem com a ideia de produção em grande escala, sem respeitar o meio ambiente nem os conhecimentos empíricos, isto faz com que muitas variedades de sementes melhoradas pelos índios e agricultores/as vão desaparecendo. É lamentável, mas a biodiversidade está se perdendo devido a tantos processos que transformam as sementes em mercadoria, somente para aumentar o lucro de algumas poucas multinacionais.

A agricultura familiar é a grande responsável pela segurança alimentar da população

brasileira, produzindo 70% dos alimentos consumidos no mercado interno do Brasil. É nesse contexto que a Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) vem contribuindo, através do projeto Sementes, lançado em março de 2015, para a valorização, manutenção e criação de novos bancos/casas comunitários de sementes, no semiárido nordestino.

A agricultora Cleide Estelita de Lima da comunidade Onça dos Mouras, município de Frei Miguelinho acredita que "esse projeto vai ser muito importante para nossa comunidade, que era esquecida e com a chegada do Sabiá, primeiro com as cisternas, nossa comunidade agora é conhecida e o projeto das sementes vai dar mais oportunidade de fortalecer o que foi feito, agora vamos nos reunir sempre para cuidar do banco de sementes. Ainda não temos uma associação local, mas acredito que com a presença de vocês (equipe) vamos amadurecer a ideia".

Liberdade e soberania para agricultores e agricultoras plantarem

Resgatar, conservar, multiplicar, e valorizar as sementes crioulas das quais os agricultores e agricultoras familiares são detentores/as eis alguns objetivos do Programa Sementes do Semiárido. As estratégias de valorização do conhecimento tradicional dialogam e estão previstas no Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Planapo).

Em Pernambuco,
serão mais de
90
comunidades
beneficiadas
até 2016.

O Programa Sementes será executado pela Associação Programa Um Milhão de Cisternas (AP1MC) que firmou o Termo de Parceria com 22 unidades gestoras, com apoios do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e Ministério do Desenvolvimento Agrário, do Governo Federal. O programa objetiva possibilitar que as famílias venham ter liberdade no momento do plantio e ao mesmo tempo ter a soberania para plantar o que quiserem e quando for mais adequado.

Em Pernambuco, serão mais de 90 comunidades beneficiadas até 2016. Uma das entidades responsáveis pela execução do programa no Estado, juntamente com a Caatinga e Casa da Mulher do Nordeste, o Centro Sabiá está assessorando a implantação de 34 bancos/casas de sementes em 12 municípios do Agreste, que beneficiarão 680 famílias. ■

Dez anos de mobilização da juventude

Reuniões na Mata, Sertão e Agreste avaliam e relembraam atuação da CTJMA

Por Franceli Gomes da Silva * e Janaina Ferraz (Centro Sabiá)



Jovens da Zona da Mata se reuniram em Barreiros

Nesses dez anos, muitos/as jovens já passaram pelas CTJMA. No início alguns não davam muita importância. Porém, a partir da participação e engajamento mais intenso acabaram criando outra relação com o campo e com suas próprias famílias. Teve gente que conheceu o trabalho por conta de um projeto de reflorestamento e foi se aproximando. Outros entraram de mansinho e já são lideranças e multiplicadores/as. No fim, o importante é que os jovens vão construindo coletivamente as lutas e conquistas. ■

*Há dez anos atrás
Começou a nossa história
Juventude e agroecologia
Natureza e nossa senhora
Vivemos em harmonia
Pois a nossa alegria é
Fazer agroecologia e
Fazer a nossa história
Juventude camponesa
Está sempre presente
Lutando e correndo atrás
Do que está a sua frente*

**QUER
AJUDAR O
CENTRO SABIÁ?**



**DOAR:
UM GESTO DE
SOLIDARIEDADE
E CONFIANÇA**

Caixa Econômica Federal

Banco Número: 104

Agência: 0923

Operação: 013

Conta Poupança: 17341-0

CNPJ: 41.228.651/0001-10

Ou acesse a nossa página

www.centrosabia.org.br

Nos dias 11 e 12 de junho de 2015, em Barreiros, a Comissão Territorial de Jovens Multiplicadores/as de Agroecologia da Zona da Mata (CTJMA) reuniu-se para relembrarmos o caminho trilhado pelo grupo. Fizemos um mural lembrando desde 2005, quando começaram as atividades. E cada um relatou o que fez de importante no decorrer desses dez anos. Na discussão saiu até poesia.

Querendo motivar os jovens que vão participar dos encontros no Agreste e no Sertão, a jovem Maria Janaina Gomes Vasconcelos elenca a importância desta reconstrução histórica a avaliação. "Para as pessoas saberem como realmente foi a história de cada um/a na Comissão. Para servir de experiência para nós mesmos, percebendo para saber onde nós progredimos, além de para ajudar outras pessoas que lerem os relatos a adquirirem novos conhecimentos a partir das nossas experiências e também dar visibilidade. E para ter um relato importante onde as pessoas possam ver o que ao que a gente tem feito. Temos uma história pra contar".



Fotografias mostram momentos marcantes da trajetória de quem já fez parte da Comissão

Fotos: Laudence Oliveira

* Autora desses versos, Franceli Gomes da Silva é uma jovem multiplicadora de agroecologia, mora no Assentamento Minguito, Rio Formoso.

O Centro Sabiá nas redes sociais:



@centrosabia



facebook.com/centrosabia



youtube.com/sabiacentro



flickr.com/centrosabia



mais.uol.com.br/centrosabia